



A DESCOBERTA DO CABO DA BOA ESPERANÇA. PORTUGAL E ÁFRICA DO SUL

Horácio de Sá Viana Rebelo

O dia 3 de fevereiro de 1988 assinalou meio século da descoberta do Cabo da Boa Esperança.

Este artigo, transcrito da "Revista Militar" das Forças Armadas de Portugal (edição Fev/Mar 88), rememora este fato, marco do progresso da humanidade e justo orgulho do povo português.

Assina-o o general Horácio de Sá Viana Rebelo, das Forças Armadas de Portugal.

1. Comemoram-se presentemente os 500 anos da chegada de Bartolomeu Dias ao extremo sul da África, marco importante na expansão de Portugal, e data do maior relevo, no final do século XV, para a vida mundial. A costa

ocidental da África era já conhecida nesse século até 26° N, por alturas do Cabo Não, e os marinheiros, nos princípios dos anos 1400, não passavam o Cabo Bojador, sobre cujo mar corriam as lendas mais fantásticas; só em 1434 Eanes, enviado pelo

Infante D. Henrique, dobrou o famoso Cabo, destruiu as lendas e abriu o Sul à navegação. Logo no ano imediato o mesmo navegador passou o Trópico de Cancer, no Rio do Ouro, e em 1441 Nuno Tristão atingiu o Cabo Branco, na fronteira da atual Mauritània. Na década de 1450 os navegadores portugueses chegaram à Guiné e à Serra Leoa, e pouco depois de 1460 Pedro de Sintra alcançou a latitude de 6° N. Os portugueses estavam perto do Golfo da Guiné, considerado nesse tempo como o fim de África; de fato, os navegadores portugueses descobriram e exploraram o Golfo e as suas Ilhas, incluindo S. Tomé, Príncipe e Fernando Pó, tendo passado o Equador por volta de 1474.

Na idéia da Corte Portuguesa havia, no entanto, o objetivo da Índia, com as vantagens econômicas e de expansão da fé católica que Portugal recebera. O futuro rei D. João II impulsionou essa idéia, tendo em 1482 enviado uma expedição sob o comando de Diogo Cão à costa de África, a qual atingiu a foz do rio Zaire, em Angola, que foi explorado na esperança de que seria a abertura marítima para a Índia. Numa segunda viagem atingiu Diogo Cão, em 1485, a latitude 22° S, no atual Sudoeste Africano (Namíbia). Mas só uns anos mais tarde Bartolomeu Dias foi encarrega-

do pelo rei de descobrir o caminho marítimo para a Índia, que se julgava já próximo. O navegador português partiu de Lisboa com 3 caravelas, passou para Sul do Cabo da Boa Esperança, afastado dele devido a uma forte tempestade, e chegou a uma enseada – a das Vacas ou S. Brás –, já na costa oriental de África, a 3 de Fevereiro de 1488. Tal enseada é chamada hoje Mossel Bay. No seu regresso a Portugal torneou então o Cabo das Agulhas e depois o Cabo da Boa Esperança, que se encontra no extremo Sul do continente africano, e onde se misturam as águas dos Oceanos Atlântico e Índico.

O Cabo da Boa Esperança fica no final da Serra da Mesa, imponente maciço orográfico que domina a atual Cidade do Cabo. E nunca mais se esquece o panorama que agora se vê quando se desce de helicóptero por cima da Serra da Mesa sobre a Cidade, com o Oceano Atlântico ao fundo, a cidade junto da montanha, e o amplo casario dos bairros limítrofes a estender-se na planície. É uma vista surpreendente, que eu tive a ocasião de observar, e sem dúvida inesquecível.

Só 9 anos depois daquela data de 1488 Vasco da Gama, a mando do novo rei D. Manuel I, partiu de Lisboa com 4 navios, seguiu a costa de África até ao Cabo da Boa Esperança, do-

brou-o, e continuou depois a exploração onde Bartolomeu Dias a deixara, descobrindo o Natal, o rio Zambeze, a Ilha de Moçambique, e continuando até à Índia, onde chegou em maio de 1498. Gastou na viagem cerca de 10 meses, e consumou-se assim o sonho de Portugal e do Mundo Ocidental: abriu-se o caminho marítimo para a Índia, através de um mar difícil, que ainda hoje é sulcado por milhares de navios.

A meio caminho, por água, entre as civilizações ocidentais e orientais, fica a África do Sul.

2. A África do Sul, situada no continente africano entre Angola e Moçambique, não foi explorada ou povoada pelos portugueses. A nossa gente descobriu estas terras, mas não se fixou ali. Várias razões deverão ter influído para tal, e principalmente terão sido as seguintes:

- As "aguadas" serviam, em Angola e Moçambique, as necessidades dos navios na rota para o Oriente;
- Angola fica mais perto da Europa e Moçambique da Índia, atração fundamental daquele tempo;
- A agressividade de parte das costas sul-africanas e as dificuldades do seu interior, especialmente tendo em conta a exploração

dos interiores de Angola e Moçambique;

- O sistema dos ventos do sul do Equador, fundamental para caravelas, que as afastava da costa Sul da África e depois as conduzia diretamente ao Cabo da Boa Esperança e mais adiante às costas do Oceano Índico, onde as monções dominavam;
- O declínio da ação portuguesa a partir de 1540, e que conduziu ao domínio temporário da Espanha em 1580, levando as atenções ultramarinas portuguesas em se fixarem sobre as posições já tomadas, buscando explorar e aumentar os domínios locais;
- A concorrência marítima que a partir dos meados do século XVI começou a desenvolver-se entre ingleses e holandeses.

Os esforços holandeses exerceram-se principalmente nas ilhas da Indonésia de hoje, fundando em 1601 a Companhia das Índias Orientais, com sede em Java. A importância que a Companhia passou a ter no comércio mundial, a necessidade de os navios holandeses fazerem escala na rota entre a Holanda e a Indonésia levaram ao estabelecimento, em abril de 1652, de um ponto de apoio nas

proximidades do Cabo da Boa Esperança, onde Jan Van Riebeck se instalou. Parece que este holandês, com os seus companheiros, foram os primeiros homens brancos que se fixaram no sul da África, depois de século e meio antes ali terem estado os portugueses de Bartolomeu Dias. Estes foram realmente os primeiros homens brancos e europeus que estiveram na África do Sul, e ainda hoje a República daquele País considera figuras precursoras da sua História as de Bartolomeu Dias e Vasco da Gama; aquele tem uma estátua no centro da Cidade do Cabo, e o retrato de Vasco da Gama figura em lugar saliente no "The Castle" da mesma cidade, parece que o sítio onde Van Riebeck se instalou à chegada. De uma das vezes que ali estive, guardo uma fotografia, junto daquele quadro, com o atual Presidente Pieter Botha.

3. Os holandeses de Van Riebeck não tinham idéia de colonização local. Encontraram alguns indígenas que se tinham também aventurado até aquelas regiões, e inicialmente o Cabo foi tão-somente considerado um ponto de apoio entre a Holanda e a Companhia das Índias Orientais.

Em conseqüência das lutas daquele tempo travadas entre

portugueses, holandeses e ingleses, e sendo cada vez mais numerosa a população do Cabo, com holandeses, alemães, hottentotes negros locais, escravos das colônias, portuguesas e asiáticas, foi consolidada a idéia de colônia que teve a sua forma inicial com a chegada do governador holandês Van der Stel, que, no dizer de historiadores, foi o primeiro que concebeu a idéia de fazer da África do Sul uma terra de gente branca onde os holandeses poderiam estabelecer-se e criar uma nova sociedade. Esta colonização foi bastante aumentada na época do rei de França Luis XIV, quando revogou o Edito de Nantes e muitos huguenotes, protestantes franceses, vieram para a África do Sul.

Entretanto a poderosa e rigorosa Companhia continuava a ter uma grande influência local, nem sempre suportável pelos habitantes brancos da colônia do Cabo, e assim gerou-se uma espécie de fusão entre holandeses, alemães e franceses, muitos dos quais começaram a expandir-se para o interior, formando um sentimento de nacionalidade sul-africana.

No princípio do século XIX havia assim 3 grupos de brancos na África do Sul:

— os habitantes da Cidade do Cabo, ligados aos navios que ali aportavam;

- os habitantes do interior imediato, geralmente agricultores;
- os habitantes e pioneiros do mato, arredios da legislação do Cabo e envolvidos em lutas com os negros para estabelecerem a fronteira.

Este último grupo, o "boer", era formado por gente aventureira e destemida, que teve inúmeros combates com os naturais africanos das regiões que exploravam, e começaram a distinguir-se como um povo. As guerras com os locais, nomeadamente hotentotes, bosquimanes e xhosas, deram aos brancos grande força e coesão, e cada vez mais se afastaram das leis rigorosas da Companhia das Índias Orientais.

Este estado de coisas terminou em 1795 com a ocupação da Cidade do Cabo pelos ingleses, no seguimento de uma guerra entre a Inglaterra e a Holanda, e que subverteu o prestígio dos holandeses, agravado por lutas mantidas com os franceses. A cedência da Colônia do Cabo aos ingleses só foi confirmada em 1814, depois da queda de Napoleão. Os ingleses encontraram na África do Sul, no entanto, um povo branco, o boer, que dominava quase toda a região, e tinha um sentimento nacional já aprofundado.

4. Os ingleses trouxeram consigo as idéias liberais, favoráveis à abolição da escravatura nos negros, que em parte ajudavam nas fazendas boer. A escravatura foi de fato abolida em 1813, mas deixou muitos negros sem destino e sem modo de vida certo, criando-se um fosso com os brancos locais, ainda mais aumentado pela vinda de muitos ingleses para a Colônia trazidos pelas dificuldades de emprego ocasionadas em Inglaterra pela revolução industrial.

Os primeiros tempos da ocupação inglesa na África do Sul foram caracterizados pelas lutas com os Bantos, conjuntos de povos de cor vindos do Norte, e que complicavam a definição das fronteiras, sobretudo a oriental; os ingleses acabaram no entanto por vencer a guerra, na qual o adversário mais aguerrido foi o zulu, apoderando-se na região Leste da África do Sul, o Natal.

Os boeres não se conformavam, no entanto, com as leis inglesas, tanto mais que nem eles compreendiam a língua inglesa, nem os ingleses a língua usada pelos Boeres: a língua holandesa local ou africander. Assim nasceu em muitos boers a idéia de emigrarem para o Norte, furtando-se aos decretos e ordens inglesas, que lhes roubavam os escravos e diminuíam as suas fazendas. Esta emigração em

massa constituiu o "grande trek", a palavra africander que significa "mudança". O "grande trek" é o movimento que criou a idéia da nação africander, um povo branco diferente dos outros e com idioma próprio. O objetivo imediato do "grande trek" era o de as famílias boer que emigrassem conseguir atravessar o rio Orange, e depois escolher o destino final: o Transval ou o Natal.

Não foi pacífico nem fácil o início do movimento boer, constituído por escassas centenas de famílias; houve lutas com tribos locais várias, e por volta de 1835 os boeres fixavam-se no Transval, no Orange e no Natal, atraindo para estas regiões milhares de indivíduos que se tinham fixado no Cabo, e enfraquecendo portanto a colônia inglesa da África do Sul. No entanto, muitos boeres tinham ficado na Cidade do Cabo, e formaram-se assim 2 centros de africanerdes: um na região do Cabo e outro na região de Pretória, no Transval, cidade que tira o nome de um famoso chefe boer, Pretorius.

Com o andar dos tempos, no correr dos anos foram reconhecidas pelos ingleses sucessivamente, em 1853 e 1854, as repúblicas independentes do Transval e do Orange, ao passo que o Natal foi anexado pelos ingleses, que ligaram o Cabo ao Natal. Em Pretória havia o de-

sejo de juntar as 2 repúblicas africander, Transval e Orange, para defesa contra os colonos ingleses e contra os bantos. Parte destes tinham cedido terras ao Orange, ficaram em parte do seu território e ligaram-se à Coroa inglesa, constituindo a Basutlândia, hoje o Lesotho.

Por volta de 1870 foi descoberto um jazigo de diamantes em Kimberley, perto da fronteira do Orange (Estado Livre), cujo Governo entendeu que os terrenos lhe pertenciam, o que era contestado pelos ingleses, e uma arbitragem considerou formalmente os terrenos diamantíferos ligados à Colônia do Cabo, onde estava o Governo Geral; isto cimentou a idéia nas repúblicas africander de que os ingleses pretendiam tirar às repúblicas as suas riquezas. Aqui começou a radicar-se a hostilidade entre boeres e ingleses, que deu origem mais tarde à guerra anglo-boer do fim do século XIX. Entretanto, as repúblicas boer sentiam-se isoladas do mar, havendo a idéia de um acordo entre a República do Transval e Portugal para a ligação ferroviária a Moçambique.

Em 1875, devido a dificuldades na situação interna do Transval, os ingleses quiseram-no anexar, o que deu origem a uma primeira guerra entre ingleses e boeres, que culminou na batalha de Majuba, ganha pelos

boeres, e levou novamente à independência do Transval.

5. Por essa época foram para Angola muitos boeres, cerca de 300, que se instalaram especialmente na região da Humpata, ao Sul da Huila. Com as suas armas e os seus carros de bois, novidade em Angola, foram bons auxiliares dos portugueses e colaboraram nas lutas com os indígenas locais. Algumas famílias boer fixaram-se na região, e eu tive ocasião, quando ali estive em 1956/59, de tomar contacto com boeres e seus descendentes, ali estabelecidos em fazendas próprias.

Em 1883 subiu ao poder, no Transval, Paul Kruger, que se manteve na presidência daquela República até à sua queda, na seqüência da guerra anglo-boer do fim do século. Era homem muito considerado no país, que sonhava com uma república englobando o Estado livre de Orange, e até a ligação de todos os boeres na África do Sul. Do lado inglês estava Cecil Rhodes, que do Cabo se opunha a Kruger. Esta época foi de grande crise para o Transval, devido à descoberta local do ouro e à vinda de gente de todo o mundo para explorar essa riqueza. Rhodes era um imperialista convicto, que pensava no domínio de toda a África, desde o Cabo ao Cairo. A sua implantação nas minas de Kimberley, as

suas iniciativas como banqueiro, a sua nomeação para deputado na Cidade do Cabo e a sua ascensão a primeiro Ministro no Cabo iam promovendo o cerco ao Transval, conseguindo simultaneamente a ligação do Cabo com a Bechuanalândia (Botswana) por caminho de ferro, unindo as duas colônias da Coroa inglesa.

Esse cerco no Transval ia aumentando e Kruger pretendia cada vez mais a ligação por caminho de ferro a Lourenço Marques, para obter uma saída para o mar. Como era evidente, isto causou muitas dificuldades e preocupações à diplomacia portuguesa, dada a antiga aliança com a Inglaterra. Ao mesmo tempo os colonos holandeses do Cabo manifestavam simpatia pelos boeres; o seu número era grande e essa simpatia aumentou com a derrota inglesa em Majuba. Tal veio radicar mais a idéia de aumentar a nação boer ligando os boeres do Norte com os do Cabo.

A descoberta do ouro atraiu, como se disse, muitos estrangeiros, os "uitlanders", ao Transval, tendo sido fundada a cidade de Joanesburgo, na qual a população era principalmente de fora, e não boer. Com a penetração, incentivada por Cecil Rhodes, na Rodésia, hoje Zimbábue, continuou a apertar-se o cerco ao Transval; foi promovida mesmo uma revolução em Joa-

nesburgo, mas mais uma vez os boeres tornaram vãs as tentativas feitas, o que parece ter acarretado a renúncia de Rhodes ao cargo de 1º Ministro da Colônia do Cabo, e ligou mais o Orange ao Transval.

Entre 1896 e 1899 foi crescendo a tensão entre o Cabo e o Transval, aumentando com a simpatia inglesa pelas aspirações dos "uitlanders"; a supremacia industrial da Grã-Bretanha no Mundo era notável; foi ainda tentado pelo Governo do Cabo realizar conversações com Kruger. Foi tudo inútil para fazer vergar o Transval e trazê-lo, com as suas riquezas, ao domínio do Cabo, com o objetivo de tornar a África Austral um grande território inglês. Assim nasceu a guerra anglo-boer.

6. A guerra durou de 1899 a 1902. Inicialmente os ingleses da Cidade do Cabo consideraram que a guerra com os boeres seria curta. Por um lado, o desejo inglês de abater os boeres; por outro, o desejo destes de serem independentes. Os ingleses do Cabo entreviam um futuro grandioso, como já se aflorou, para esta região de África: a Colônia do Cabo, apesar da sua maioria boer, envolveria o Orange, o Transval e o Natal, tudo passaria a ser uma Colônia inglesa, e os "uitlanders" seriam seus cidadãos.

A guerra não foi, afinal, cur-

ta, durou 4 anos, e os ingleses tiveram de recorrer a militares de vários territórios seus; os boeres, menos numerosos, conseguiram bastantes êxitos locais, e na Europa havia em alguns países simpatia pela sua causa. A Inglaterra acabou por vencer, aceitando as Repúblicas do Transval e do Orange as suas condições de paz. Segundo alguns historiadores os ingleses utilizaram cerca de 40.000 homens nas operações e os boeres à volta de 50.000.

Portugal estava em situação delicada, mas por razões humanitárias não recusou auxílio aos boeres, vizinhos de Moçambique e amigos. Muitos refugiados boeres foram recolhidos na antiga Colônia portuguesa, e uns quantos vieram depois para o nosso País, onde alguns acabaram os seus dias e cá ficaram. A guerra anglo-boer tem sido objeto de livros de historiadores e de estudos militares, e não pretendo fazer aqui o estudo dessa guerra; apenas aqui se resumirá o que a Portugal respeita, e que se pode até ler em artigos antigos da nossa "Revista Militar".

No decurso da guerra, em Setembro de 1901, o Presidente Kruger, do Transval, quis vir à Europa a pedir o auxílio de governos de alguns países simpatizantes com a causa boer e utilizou o caminho de ferro para Lourenço Marques (hoje Maputo

pelo qual tanto se interessara no seu percurso pelas terras do Transval), cidade onde havia multidões de refugiados. Perseguido pelas forças inglesas, atravessou a fronteira em Resano Garcia (naquele tempo), e foi recebido em Lourenço Marques com todas as honras devidas à sua idade e ao cargo que ocupara no Transval, que deixara a Burger. A 22 de outubro desse ano embarcou para a Europa a bordo do cruzador holandês "Gelderland"; na Europa não conseguiu Kruger os auxílios que esperava, e morreu na Holanda pouco depois, em 1904.

Na primavera de 1901 o Governo português mandou evacuar para Lisboa os refugiados que quiseram ser expatriados para a Europa, e os números, segundo os escritos da época, foram os seguintes:

No s/s BENGUELA, chegado a Lisboa em 27/Mar/1901, o General Pinaard, sua família, e 650 boer, alguns acompanhados de suas famílias;

No s/s ZAIRE, chegado a 4 de Abril, o Comdt. Moster e sua família e 527 boeres, alguns com suas famílias;

No s/s AFONSO DE ALBUQUERQUE, chegado a 12 de Junho, 10 boeres considerados elementos subversivos.

Estes últimos foram conduzidos para S. Julião da Barra, e os outros foram espalhados por várias cidades e vilas de Portu-

gal, onde foram simpaticamente recebidos. A distribuição proposta pelos serviços militares adequados envolvia a preparação de 1008 acomodações, tendo sido assim distribuídos os alojamentos:

Tomar: General Pinaard e Comdt. Nordir, com suas respectivas famílias;

Abrantes: Comdt Moster e sua família;

Peniche: Um oficial e 403 boeres;

Alcobaça: Um oficial e 278 boeres;

Caldas da Rainha: 316 boeres.

Em setembro de 1901, a distribuição dos refugiados era:

Peniche: 346

Alcobaça: 271

Caldas da Rainha: 342

S. Julião da Barra: 43

Desses refugiados houve 11 evadidos, dos quais foram recapturados 4, e assim o número total de refugiados boeres em Portugal, no fim de 1901, era de 995. Os seus destinos posteriores foram vários: uns, voltaram mais tarde à África do Sul; outros tomaram o caminho da Europa, alguns ficaram em Portugal ou nas nossas possessões de então no Ultramar; e ainda outros morreram aqui, como disse.

Os cemitérios de Alcobaça e de Peniche receberam os restos mortais de alguns, e com o então Ministro Pieter Botha visitei em 1972 campos de boeres em Alcobaça. No cemitério inglês de Lisboa (à Estrela) existe um pequeno monumento com os nomes dos falecidos naquela guerra e aqui sepultados.

Mais uma vez os boeres ou africanos se cruzaram com os portugueses nas respectivas caminhadas nacionais.

7. A guerra anglo-boer não terminou, no entanto, com a saída do Presidente Kruger do Transval em 1901. As guerrilhas boer continuaram durante mais ano e meio a lutar contra o exército inglês; em maio de 1902, felizmente, os boeres ou africanos assinaram com os ingleses um tratado de paz, acabando as 2 Repúblicas do Transval e do Orange, que ficaram colônias da Inglaterra.

Os africanos dividiram-se então em 2 grupos: o dos que pensavam, como os generais Smuts e Luís Botha, que os africanos deviam ficar na África do Sul, formando com os ingleses uma nação; e os que escolheram o exílio. A opção do primeiro grupo foi a preferida. De aqui nasceu a idéia de juntar todas as colônias inglesas da África do Sul numa UNIÃO, o que foi sancionado pelo rei de Inglaterra Eduardo VII, em 1909.

Nas primeiras eleições da União ganhou o Partido Nacional Sul-Africano, tendo o Governador-Geral da União escolhido para 1º Ministro Luís Botha, africano do Transval. Aquele Partido teve outro Partido Nacionalista como opositor, dirigido pelo general Hertzog.

Em 1914 eclodiu a I Grande Guerra e na África do Sul, colônia da coroa inglesa, muitos africanos não perfilharam a participação nas hostilidades; a maioria, no entanto, foi favorável à entrada na Guerra, e os africanos portaram-se dignamente, como se sabe. Em 1915 os africanos, com as forças inglesas, invadiram e ocuparam o Sudoeste Africano, que então pertencia aos alemães, e colaboraram também na ocupação de grande parte da África Oriental alemã. A cooperação da África do Sul na I Grande Guerra foi, portanto, notável, e assim uma sua delegação, com Luís Botha e Smuts, assinou também o Tratado de Versailes, e trouxe para a África do Sul o mandato sobre a Namíbia, antigo Sudoeste Alemão.

Este território, considerado desértico, cujas costas marítimas tinham sido descobertas pelos portugueses nas viagens de Diogo Cão e Bartolomeu Dias, foi no século XIX explorado por pessoal de missões inglesas e alemãs. Em 1883 le-

vantou-se uma questão entre a Inglaterra e a Alemanha sobre o Sudoeste Africano, tendo havido negociação entre os 2 países, conduzidas do lado alemão por Bismarck. Em 1890, quando era responsável em Berlim o General Caprivi, foi assinado um tratado entre as duas potências, fixando as respectivas zonas de influência, e desde essa data o Sudoeste Africano foi considerado colônia alemã, internacionalmente reconhecida. Com o decurso de tempo, e com os trabalhos realizados, verificou-se, quer antes de 1918, quer depois, que a Namíbia tem recursos econômicos importantes.

Em 1939 surgiu a II Guerra Mundial. Novamente se formaram divergências entre elementos da África do Sul, mas esta acabou por entrar na Guerra graças em grande parte à ação parlamentar do General Smuts, que nessa altura foi confirmado como 1º Ministro.

Smuts foi em 1945 uma das figuras dominantes da Conferência das Nações Unidas, em S. Francisco.

Em 1950, já desaparecidos Smuts e Hertzog, há novas eleições na África do Sul, e o Partido Nacional, de base africander e com os princípios antigos do povo africander, voltou a ganhar, e conservou-se no Poder até agora: em 1958 o Governo foi presidido por Verwoerd e em

1966, por Vorster, por quem fui recebido em Pretória; seguiu-se Pieter Botha, atual Presidente da República, com quem tratei várias vezes quando foi Ministro da Defesa.

8. A nova República da África do Sul foi proclamada, em 1961, como Estado independente e soberano.

Desde o fim da II Guerra Mundial esta antiga colônia inglesa, com grandes riquezas naturais, um povo (o africander), com história própria e uma língua que construiu, teve uma importância crescente no concerto das nações. Em 1961 anunciou a sua separação da Commonwealth, seguindo-se-lhe a proclamação da República. Mas esta tem tido vida difícil, sobretudo devido à sua política do "apartheid". Julgo que há vantagem em escrever algumas linhas sobre este problema, hoje tão falado, e enunciar em que consiste.

O povo africander considera-se um povo branco, que se instalou há mais de 4 séculos na ponta Sul da África, com as suas leis e instituições próprias. Entende que a África não deve ser só para os africanos, e que algumas regiões devem ser para brancos, cujas raças ali habitam há séculos. Entende assim a República Sul Africana que as populações indígenas, com a

sua história, os seus dialetos, os seus costumes e tradições, devem ser conservadas em regiões próprias, *aparte* das civilizações brancas. De aí a criação de regiões separadas, criadas pelos brancos, devendo as diferentes raças ter os seus Países ou Estados, embora perto das cidades brancas haja núcleos de populações de cor que trabalham naquelas cidades, mas estão ligadas às suas pátrias de origem.

O Dr Verwoerd quando em 1961 discursou em Londres, por ocasião da implantação da República, e a respeito da escolha da política do "apartheid", disse:

"Há três possibilidades, A *primeira* é que o povo europeu da África do Sul se sacrifique para sempre, sob a dominação dos indígenas, embora fosse uma ditadura, para, então, ou ir-se embora, ou ficar como parte de uma nação preta; a *segunda* possibilidade é fazer pequenas concessões com esperança de demorar o dia fatídico, para assim, permitir que os seus filhos ou os seus netos sofram, mas não a geração presente. Isto pode realizar-se se aceitássemos alguns indígenas no Parlamento e em todos os lugares da vida comunitária, na esperança de que esta pequena satisfação evitasse ambições das suas massas: a *terceira* é o desenvolvimento separado."

É este último caminho que a República da África do Sul tem seguido, na convicção de que as "pátrias" bantas — chamando bantos os indígenas de cor —, é a experiência conveniente. É de apontar que em 1961 a população na República dividia-se assim:

Branco: 3.088 mil

Bantos: 10.907 mil

Asiáticos: 477 mil

Mestiços: 1509 mil

Ao todo, 16 milhões aproximadamente, dos quais 3 milhões de brancos. Presentemente as estatísticas apontam 25,5 milhões de habitantes na República da África do Sul, sendo 5 milhões brancos.

Segundo o caminho escolhido, certas regiões da África do Sul são designadas para nelas se fixarem populações bantas ligadas a elas por razões de história, dialeto e tradições: tais regiões são chamadas Estados Autônomos, e a estes *batustões* são confiadas instituições políticas, administrativas e econômicas, sob a orientação da República da África do Sul. Nesses Estados são construídas casas para habitação, hospitais, escolas, etc.; quando atingem uma preparação mais elevada e semelhante à dos africanos, esses Estados passam a ser Nacionais Independentes, com bandeira própria, governo e

parlamento privado, e as ligações indispensáveis com a República da África do Sul, que cobre todo o território. Presentemente são Estados Nacionais Independentes, na África do Sul, o Transkey, Venda, Ciskey e Bofhutatsuana; são chamados Estados Nacionais Autônomos actualmente Lebowa, Gazanculu, Kwandebele, Kanguane, Kwazulu e Qwaqwa. Junto das fronteiras dos Estado são criadas indústrias que asseguram emprego a parte da população, para evitar deslocações demoradas, embora perto das cidades dos brancos tenham sido criados núcleos de população negra, que em parte trabalha naquelas cidades. É o caso, por exemplo, do Soweto, a 12 km de Joanesburgo, onde vivem cerca de 1 milhão de pessoas, coração negro da África do Sul, grande parte trabalhando na cidade próxima, e onde há hospitais, bancos, mercados, avenidas, etc., embora cada negro esteja ligado ao seu "homeland". Terá o habitante de cor daquele e de outros núcleos semelhantes costumes que se adaptem à vida agrícola e pastoril vulgar na sua "pátria" negra se porventura a ela regressar? É este um dos problemas sérios do "apartheid" que, como outros, só o tempo dará resposta.

Portugal seguiu nas suas Províncias Ultramarinas, hoje

Países independentes e soberanos, o sistema de integração, assimilando os negros consoante as suas competências e desenvolvimento e introduzindo-os na sociedade; e ao mesmo tempo procurando melhorar as suas terras. O Governo e a Administração eram únicos; era um sistema sem dúvida diferente do "apartheid", e com o andar dos anos será possível fazer a sua comparação.

3 de fevereiro de 1488. A primeira passagem europeia do Cabo da Boa Esperança, onde Bartolomeu Dias deixou o padrão de S. Felipe. Passam por nós lembranças do Brasil, da África do Sul, do Extremo Oriente. De tudo o que há mais de 500 anos demos ao Mundo. A força militar portuguesa empenhou-se em parte das ocupações seguintes aos Descobrimentos que efetuamos, e à defesa das posições tomadas. No rodar dos séculos e dos jogos das Nações, voltamos a ocupar o território metropolitano por onde começamos, mas a alma de um povo, de que as Forças Armadas são elemento importante, deverá continuar com a mesma chama, e revendo-se na nossa História.

Quando em 1972 estive no Cabo da Boa Esperança, foi esta idéia que acorreu ao meu espírito, e aqui, emocionadamente, recordo.